

## TRAJETÓRIAS TERAPÊUTICAS E AS RELAÇÕES ESTABELECIDAS COM A REDE SOCIAL E AFETIVA DE CRIANÇAS

CLARISSA DE SOUZA CARDOSO<sup>1</sup>; VIVIANE RIBEIRO PEREIRA<sup>2</sup>; ANA PAULA MULLER DE ANDRADE<sup>3</sup>; LUCIANE PRADO KANTORSKI<sup>4</sup>; NAIANA ALVES OLIVEIRA<sup>5</sup>; VALÉRIA CRISTINA CHRISTELLO COIMBRA<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [cissascardoso@gmail.com](mailto:cissascardoso@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [viviane.ribeiropereira@gmail.com](mailto:viviane.ribeiropereira@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Estadual do Centro-oeste do Paraná -- [psicopaula@yahoo.com.br](mailto:psicopaula@yahoo.com.br)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas -- [kantorskiluciane@gmail.com](mailto:kantorskiluciane@gmail.com)

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – [naivesoli@gmail.com](mailto:naivesoli@gmail.com)

<sup>6</sup>Universidade Federal de Pelotas – [valeriacoimbra@hotmail.com](mailto:valeriacoimbra@hotmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Os caminhos percorridos pelas crianças e seus familiares para acessar a rede de cuidados nos remete as relações estabelecidas e/ou novas relações construídas com os serviços e com os profissionais, a partir da busca pelo cuidado. Por esta razão, surge a necessidade de olharmos para as trajetórias terapêuticas partindo da percepção que as crianças possuem e quais são as suas demandas sociais (CARDOSO, 2017).

Entende-se o conceito de trajetória terapêutica por meio de expressões que emergem dos aspectos da vida de cada sujeito e das suas redes de convivência territoriais, sejam elas “afetivas, sociais e/ou nos serviços de saúde” (DALMOLIN, 2011, p. 111). Neste sentido, as trajetórias terapêuticas são construídas pelos sujeitos e pelo território, mas também o são pela subjetividade da criança (CARDOSO, 2017).

Ao trabalharmos com as trajetórias de crianças é importante entendermos o território como um conceito necessário para o desenvolvimento do trabalho em saúde mental, sendo assim, ele está para além de recortes espaciais e/ou geográficos e acontece por meio das experiências dos sujeitos atravessados pelas relações construídas entre as pessoas e as instituições (CARDOSO, 2017).

Santos (2008, p.96) propõe o território para além de uma questão geográfica e física, afirma que ele é o “chão e mais a população”. Além disso, identifica o sentimento de pertencimento do lugar, alicerce do trabalho, da moradia, “das trocas materiais e espirituais” (SANTOS, 2008, P.96). O território oferece a possibilidade de articular a rede social e afetiva produzindo relações complexas que segundo Dalmolin (2006) e Inojosa (2001) promovem relações interpessoais, interorganizacionais, intersetoriais e intergovernamentais.

Neste sentido propomos como objetivo deste trabalho discutir a importância das trajetórias terapêuticas e a relação dos caminhos percorridos na busca pelo cuidado em saúde mental com a rede afetiva e social de crianças que estão vinculadas ao Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi).

### 2. METODOLOGIA

Este trabalho é parte integrativa da pesquisa de mestrado intitulada “Trajetórias terapêuticas e as redes sociais e afetivas das crianças que frequentam o Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil”. A pesquisa de abordagem qualitativa foi realizada no CAPSi em um município de pequeno porte, a coleta de dados ocorreu no período de abril a julho de 2016, tendo sido

aprovada pelo comitê de ética em pesquisa da faculdade de enfermagem sob parecer número 1.485727. Participaram do estudo cinco crianças e seus familiares indicadas pelos profissionais do serviço, foram realizadas entrevistas narrativas e a utilização do mapa dos cinco campos como estratégia para a expressão oral das crianças.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A (re)construção das trajetórias terapêuticas e o conhecimento das redes sociais e afetivas das crianças que frequentam os serviços de atenção à saúde mental são fundamentais para (re) orientar as práticas de cuidado, fundamentado nas necessidades e demandas existentes por meio das narrativas das crianças e seus familiares e para compreendê-las, é necessário muito mais que um trabalho setorializado e ações solitárias circunscritas às paredes dos serviços (DALMOLIN, 2006). Percebe-se que as redes articuladas e ativadas pelas pessoas que fazem parte dela são imprescindíveis porque cumprem um papel no cuidado em saúde mental nos diferentes espaços como as UBS's, as escolas, a família, os amigos, os vizinhos e os parentes, rompendo com uma prática que pensa a atenção psicossocial somente realizada dentro do CAPSi (CARDOSO, 2017; TSZESNIOSKI ET AL., 2015).

A pesquisa demonstrou que as crianças possuem grande capacidade no desenvolvimento das trocas afetivas fora da família, e apontou a escola e os demais espaços que fazem parte de suas trajetórias influenciando diretamente no desenvolvimento das redes de apoio sociais e afetivas, na promoção da autonomia e resiliência (HOPPE, 2012; CARDOSO, 2017). Ainda, cabe ressaltar que as crianças que sentem-se parte de um contexto fora da família disponibilizarão de mais recursos para enfrentar situações-problema a partir do momento em há possibilidade de utilizarem a rede social e afetiva como referência para suas escolhas e decisões (HOPPE, RAMOS, 2012; SIQUEIRA E DELL'AGLIO, 2009; CARDOSO, 2017; TSZESNIOSKI ET AL., 2015).

A oportunidade de escutar as crianças e compreendê-las a partir do conhecimento que elas possuem sobre sua vida significa ir ao encontro da proposta de redirecionamento dos conceitos sobre infância evidenciados com a consolidação das políticas públicas, principalmente por meio do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA). Destaca-se também os novos dispositivos de cuidado, que buscam redimensionar a experiência do sofrimento psíquico e sua relação com a sociedade (TAÑO, MATSUKURA, 2015; BRASIL, 2014).

Garantir espaços que permitam a expressão oral da criança favorece sua participação, contribuição para a sociedade e escutá-las permite ir além da observação, ir além de registros pontuais sobre determinados comportamentos, oportuniza um momento para que expressem suas vontades e necessidades, promovendo protagonismo e a construção ética da infância (CARDOSO, 2017).

### 4. CONCLUSÕES

Assim a compreensão das trajetórias terapêuticas e das redes sociais e afetivas teve por finalidade auxiliar e vislumbrar ações a serem desenvolvidas pelos profissionais que realizam o cuidado com crianças que encontram-se em sofrimento mental, na medida em que as trajetórias terapêuticas e as crianças contribuem com informações importantes para possibilitar o planejamento de

ações futuras. A reflexão sobre quais as relações são construídas pela criança em sofrimento psíquico com a sociedade implica em romper com o discurso e práticas hegemônicas legitimadas pelas pessoas que aparecem em suas redes sociais e afetivas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Atenção Psicossocial a crianças e adolescentes no SUS: tecendo redes para garantir direitos**. Ministério da Saúde/Conselho Nacional do Ministério Público. Brasília, 2014.

BRASIL. **Lei 8.069 de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, 1990.

CARDOSO, C.S. **Trajetórias terapêuticas e as redes sociais e afetivas das crianças que freqüentam o Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil**. 2017.137f. Dissertação em pós graduação da faculdade de Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas.

DALMOLIN, B. M. **Esperança Equilibrada: cartografias de sujeitos em sofrimento psíquico**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. 243p.

HOPPE MW; RAMOS K. Rede de apoio social e intersectorialidade entre educação e saúde nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista educação, cultura e sociedade**, v.2, n.2, p.47-62 2012.

INOJOSA, R. M. Sinergia em políticas e serviços públicos: desenvolvimento social com intersectorialidade. **Cadernos FUNDAP**, São Paulo, n.22, p.102-10, 2001.

TAÑO, B.L.; MATSUKURA, T.S. Saúde mental infantojuvenil e desafios do campo: reflexões a partir do percurso histórico. **Cad. Bras. Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 23, n. 2, p.439-47, 2015.

SANTOS, M. Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: **Record**, 2008. 236p.

SIQUEIRA, A.C.; DELL'AGLIO, D.D. Crianças e Adolescentes Institucionalizados: Desempenho Escolar, Satisfação de Vida e Rede de Apoio Social. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.26, n.3, p. 407-15, 2010.

TSZESNIOSKI, C.L.; NÓBREGA, K.B.; LIMA, M.L.; DUTRA, F.V.L. Construindo a rede de cuidados em saúde mental infanto-juvenil: intervenções no território. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v.20, n.2, p. 363-70, 2015.